

11-12-2009

A eutanásia e os paradoxos da autonomia

R Siqueira

F Schramm

Follow this and additional works at: https://digitalrepository.unm.edu/lasm_cucs_pt

Recommended Citation

Siqueira, R and F Schramm. "A eutanásia e os paradoxos da autonomia." (2009). https://digitalrepository.unm.edu/lasm_cucs_pt/28

This Article is brought to you for free and open access by the Latin American Social Medicine at UNM Digital Repository. It has been accepted for inclusion in Portuguese by an authorized administrator of UNM Digital Repository. For more information, please contact disc@unm.edu.

Siqueira R, Schramm F. A eutanásia e os paradoxos da autonomia. Ciencia & Saúde Coletiva (Rio de Janeiro, Brasil) 2008 janeiro-fevereiro; 13(1): 207-221.

Objetivos: Investigar a origem do conceito “autonomia” nas tradições grega e cristã, assim como descrever alguns de seus paradoxos na aplicação contemporânea da eutanásia.

Metodologia: Analítica e descritiva. Os elementos da autonomia são analisados a partir das tradições gregas e cristãs, das culturas ocidentais e do legado de Emmanuel Kant.

Resultados: Os autores apresentam duas origens da noção de autonomia: 1) o individualismo dos sujeitos, segundo o cristianismo e 2) a concepção de um sujeito transcendental, ético e moralmente autônomo, de acordo com Emmanuel Kant. Dentro desta tradição, o conceito de autonomia moral permite ao indivíduo atuar livremente e exercer o direito para dispor sobre sua própria vida. Este é o contexto em que surge a noção de eutanásia, cujas as premissas são as seguintes para os autores: a) a eleição pessoal para incidir na duração de seu sofrimento e b) a continuação do padecimento como consequência da imposição de alguém externo. Entretanto, os autores apresentam quatro paradoxos ou dilemas neste conjunto de enunciados, os que questionam a eficácia teórica da bioética sobre o fim da vida e o mesmo princípio da autonomia.

1) No âmbito da filosofia, debate-se atualmente em torno a dois pares antagônicos; um é o binômio causa-necessidade, que inclui as explicações do pensamento grego, atomista e estoico, os quais coincidem em explicar os fatos do universo sob um determinismo causal; e o outro está composto pela oposição entre a determinação e o livre arbítrio.

2) No âmbito da biologia, postula-se que a neurociência e a genética permitem visualizar a predeterminação do comportamento humano, o qual dificulta a aceitação do livre arbítrio.

3) No campo da psicoanálise apresentam-se críticas de Schopenhauer, Nietzsche e Freud questionam que o sujeito seja capaz de pensar e atuar de forma livre, de modo que possa julgar de forma imparcial e autônoma os diferentes aspectos relacionados com a moral.

4) No âmbito da política, apresenta-se o desequilíbrio entre o respeito à liberdade individual e à igualdade; a liberdade pressupõe a desigualdade nos sujeitos, conseqüentemente, o autor descreve que a autonomia efetiva e igualitária é estimulada mediante o intercâmbio verbal e o agrupamento humano; ao mesmo tempo que o individualismo é a independência das pessoas e a erosão de sua coletividade.

Conclusões: Os autores concluem que a aplicação e a formulação do conceito de autonomia expressam um determinismo absoluto e a impossibilidade para resolver a tensão entre o individual e o coletivo. Para os autores a autonomia reconhece a eutanásia como uma saída para evitar o sofrimento humano individual, entretanto as suas aceitação dependerá dos outros.